

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA

Suênia Aparecida da Silva Santos¹; Erivânia da Silva Marinho²; Maria Nazaré dos Santos Galdino³; Maria das Graças Miranda Ferreira da Silva⁴.

Universidade Federal da Paraíba - sueniaaparecida@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a relação entre as condições de trabalho e o adoecimento de professores por meio de pesquisa bibliográfica e fundamentado em observações dentro do contexto de um projeto de extensão desenvolvido em uma Escola Pública. Projeto este ligado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Buscou-se produções científicas nacionais, publicadas entre 2010 e 2015, objetivando a identificação as principais causas que levam ao adoecimento psíquico aos professores de uma escola pública, bem como, também buscaremos identificar os principais sintomas nesse processo de adoecimento. Observamos que a saúde dos professores é um tema que ultimamente tem adquirido uma crescente relevância na produção de artigos científicos nacionais. O Estresse e a ansiedade destacam-se como principais causas e sintomas no adoecimento psíquico dos professores. **Palavras-chave:** Condições de trabalho docente, Escola Pública, Adoecimento Profissional.

1- INTRODUÇÃO

O processo de mudanças históricas acarretaram mudanças em relação à função do professor, como a fragmentação do seu trabalho e a complexidade das demandas que lhe são impostas, tais fatos coincidem com um processo histórico de rápida transformação do contexto social (LÉON, 2011). Dessa forma ampliam-se as responsabilidades e exigências sobre esse profissional, de modo que ele precisa apresentar, além das competências pedagógicas, habilidades sociais e emocionais (JENNINGS; GREENBERG, 2009). No ambiente escolar, os professores deparam-se diariamente com alunos completamente desmotivados, que não apresentam interesse em aprender, são indisciplinados, desrespeitam o professor como figura de autoridade, e muitas vezes chegam a

¹ Graduanda do curso de Serviço Social - UFPB - Extensionista Colaboradora do Projeto de Extensão vinculado ao PROBEX-UFPB E-mail: sueniaaparecida@hotmail.com;

² Graduanda do curso de Serviço Social - UFPB - Extensionista Colaboradora do Projeto de Extensão vinculado ao PROBEX-UFPB E-mail: erivaniamarinho@hotmail.com;

³ Graduanda do curso de Serviço Social - UFPB - Extensionista Colaboradora do Projeto de Extensão vinculado ao PROBEX-UFPB E-mail: zaremorena12@gmail.com;

⁴ Doutora em Educação e Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: gracamirandafs@gmail.com.

agredir os professores verbalmente e fisicamente. Portanto, a saúde dos professores tem sido alvo de preocupação por parte de profissionais, gestores institucionais e entidades sindicais e governamentais (CARLOTTO, 2012).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a profissão docente é considerada uma das mais estressantes, ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional (REIS et al., 2006). Desgastes físicos, desgastes emocionais, desgastes osteomusculares e transtornos mentais, tais como: apatia, estresse, desesperança e desânimo, são formas de adoecimento que têm sido identificadas em professores (BARROS et al., 2007).

Segundo Mendes (1999), o trabalho faz parte da condição humana, sendo indissociável de sua existência, constituindo a forma de construção das sociedades e dos homens. Mendes analisa o trabalho como uma necessidade inerente ao ser humano, o trabalho para Mendes pode ser considerado como um fator importante na promoção da saúde e do bem estar. É importante analisarmos que nem sempre o trabalho desempenha esse papel, quando ele é exercido sob uma perspectiva negativa, acaba não sendo prazeroso e, como resultado, ocasiona doenças mentais, físicas e emocionais.

Um dos sentidos do trabalho é o prazer. Esse prazer emerge quando o trabalho cria identidade. Possibilita aprender sobre um fazer específico, criar, inovar e desenvolver novas formas para execução da tarefa, bem como são oferecidas condições de interagir com os outros, de socialização e transformação do trabalho. (...) permite que o trabalhador se torne sujeito da ação, criando estratégias, e com essas possa dominar o seu trabalho e não ser dominado por ele, embora nem sempre isso seja possível, em função do poder da organização do trabalho para desarticular as oportunidades para uso dessas estratégias (MENDES, 2007, p. 51).

Gardenal (2009), afirma que existe a necessidade de estabelecer um vínculo afetivo e emocional para exercer a docência; no entanto, este vínculo está sendo bloqueado pelas apreensões e conflitos que caracterizam a atuação dos profissionais da educação, surgindo então o sofrimento psíquico, uma vez que o investimento afetivo, emocional e cognitivo não apresenta retorno satisfatório na relação professor e aluno. Nesse sentido, aponta-se que repercussões negativas na saúde mental, emocional e física dos professores podem ser causadas pelo intenso envolvimento emocional com os problemas dos alunos, a desvalorização social do trabalho, a falta de motivação para o trabalho, a exigência de qualificação do desempenho, as relações interpessoais insatisfatórias, as classes numerosas, a inexistência de tempo para descanso e lazer e a extensiva jornada de trabalho (NEVES e SILVA, 2006). Em conjunto, esses fatores se constituem como

fontes de estresse (CARLOTTO, 2012) associadas à organização do trabalho, ao seu conteúdo, à realização da tarefa e ao seu entorno (GIL-MONTE, 2005).

Observamos que nas escolas públicas existe uma precariedade material e de recursos que irão servir de suporte para auxiliar o professor na ministração das disciplinas e, muitas vezes, o único material disponível para a execução da aula, além da voz, são a lousa e o giz, e o maior desafio consiste em sustentar a atenção cognitiva e o comprometimento dos alunos que, em sua grande maioria, encontram-se sem interesse pelo ensino formal, devido às condições precárias de ensino e aprendizagem na rede pública de ensino. A crescente depreciação da atividade docente dá-se em razão da redução, ao longo dos anos, em investimentos na educação e o baixo piso salarial dos professores, que contribuem para o cenário atual de precariedade do ensino na rede pública, tanto estadual como municipal.

Em pesquisas e estudos recentes qualitativos sobre o estresse ocupacional, constatou-se que a categoria docente considera a sobrecarga de trabalho, a falta de controle sobre o tempo, os problemas comportamentais dos estudantes, a burocracia excessiva, a implementação de novas iniciativas educacionais e a dificuldade de relacionamento com os supervisores, como os principais fatores de desgaste no trabalho (MAZOLLA; SCHONFELD; SPECTOR, 2011).

Do Vale e Aguillera (2016), observaram recentemente, em uma revisão narrativa de literatura, o estresse e a síndrome de *burnout* como dois dos principais motivos de afastamento do trabalho da categoria docente. A síndrome de *burnout* pode ser entendida como um tipo de estresse de caráter persistente, vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo (HARISSON, 1999).

Oliveira et al. (2002), fazem referência as mudanças que ocorreram na organização do trabalho dos docentes, e que foram decorrentes das reformas educacionais que foram implantadas nas décadas de 1980 e 1990, e que acabaram afetando de forma significativa a profissão, uma vez que “trouxeram novas exigências profissionais sem a necessária adequação das condições de trabalho” (p.56).

Segundo Oliveira (1997), podemos destacar entre as reformas educacionais iniciadas nos anos 1990, no Brasil, a descentralização administrativa, financeira e pedagógica e a flexibilidade na organização e funcionamento das escolas, o que acarretou em uma autonomia significativa à gestão das unidades escolares, essa autonomia também beneficiou os professores, que adquiriram uma maior liberdade para organizar o seu trabalho porém, tiveram à ampliação de funções e foram

considerados os principais responsáveis pelo sucesso educacional. Oliveira, Vieira e Augusto (2014), consideram que tais mudanças também transferem maior poder aos alunos e seus pais, de modo que o paradoxo desse modelo regulatório é que, ao mesmo tempo em que cresce a autonomia dos docentes, também aumenta o controle sobre eles.

Diante de todo esse contexto de mudanças na profissão dos professores, Bueno e Lapo (2002) consideram que os professores se sentem insatisfeitos por não conseguirem cumprir, com excelência, as exigências de sua profissão e nem reverter à situação precária em que se encontram. Percebem que a globalização tem trazido transformações rápidas na dinâmica do trabalho, na organização do trabalho, e nas novas exigências de competências do trabalhador, que interferem em sua saúde e que provocam o adoecimento psíquico de grande parte dos docentes em atuação.

2- METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos são de natureza qualitativa e revisão bibliográfica sobre a temática do objeto em estudo, também foram baseados em relatos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, docentes que trabalham na escola onde está sendo realizado o estudo da temática em destaque.

O processo de busca bibliográfica foi realizado entre os meses de maio a setembro de 2017, analisamos artigos que foram atualizados em maio de 2016 nas seguintes bases de dados: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Educ@ e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia). Foram analisados artigos completos e de acesso gratuito publicados entre 2010 e 2015. As bases de dados foram escolhidas por contemplarem os principais periódicos que publicam sobre a temática deste estudo.

Os artigos foram avaliados considerando o seu título e resumo quanto aos critérios de elegibilidade. Em seguida, a avaliação foi realizada através da análise do texto completo. Além de identificar os principais sintomas e/ou adoecimentos psíquicos entre professores, o objetivo desta pesquisa foi analisarmos os fatores que provocam o adoecimento, se a instituição foco dos estudos era pública ou privada e os níveis de ensino investigados.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problematização do processo de saúde/adoecimento psíquico dos professores em uma escola pública na cidade de João Pessoa – PB, se deu por meio de observações do contexto de professores nesta escola. Esta faz parte da realidade em que se dá o desenvolvimento de um projeto de extensão ligado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. Segundo o que foi percebido na escola em destaque, observamos que o adoecimento psíquico dos professores dar-se pelos seguintes fatores: as precárias condições da sala de aula, e de seus recursos metodológicos, e o desamparo do professor, em meio as dificuldades interpessoais, salariais, estruturais, etc.

Antes o professor tinha o total domínio da turma em sala de aula havendo respeito, cordialidade, consideração, participação e muito interesse por parte dos alunos em aprender os ensinamentos do mestre (professor). Nos dias atuais, muita coisa mudou a convivência no ambiente escolar, decorrente das transformações ocorridas na sociedade.

Conforme vivenciamos na escola em questão, professor é um profissional mal remunerado, trabalha com uma carga horária exaustiva, em mais de uma escola e em dois ou mais turnos, para conseguir uma renda extra, além de que um número expressivo que compõe o quadro de professores são prestadores de serviços (ps).

Assim, esses profissionais não possuem as devidas garantias trabalhistas que os demais professores concursados adquirem mediante contratação, implicando ao professor prestador trabalhar sob pressão, por medo de perder o emprego, ocasionando sérios problemas psicológicos durante todo processo profissional.

Desde então, a falta de condições de trabalho atinge diretamente o dia a dia do professor ao se deparar com turmas muito grandes de alunos, nos dias quentes de verão, quando se faz necessário ministrar aula sob o calor intenso em salas sucateadas, sem ventilação e climatização, tendo como instrumento de trabalho o velho quadro negro ou verde, pendurado em uma parede, giz branco e um sofrido apagador desgastado pelo tempo.

Podemos também, perceber que os pais ou responsáveis atribuem ao professor a culpa pelo baixo rendimento escolar dos filhos, devendo ser o professor o principal responsável por todo o processo educacional do aluno, enquanto os pais negligenciam dentro do lar, segundo informação de pais que não acompanham o desenvolvimento escolar do filho recusando, comparecer à escola quando convidado para reuniões ou outras questões pendentes de interesses dos mesmos.

As crianças da referida escola, têm o mínimo de condições sócio-econômica e sociais, e sendo vítimas da escassez, a situação de miserabilidade em que vivem contribuem para que elas sofram vários tipos de violências: fome, falta de moradia digna, falta de educação de qualidade, de vestuário, trabalho infantil, drogas, prostituição, entre outros. Assim, na sala de aula e em outras dependências da escola revela-se um cenário de lutas acirradas, transformando o espaço reservado para adquirir conhecimento em verdadeiros campos de batalhas.

A escola moderna tornou-se espaço para agressões físicas, verbais, emocionais, e o professor indefeso, desprovido de direitos, cala-se, chora, amarga o dissabor diante dos desafios atuais, com esse sentido o professor é acometido de um conjunto de doenças psicológicas, ocasionando em afastamento das funções trabalhistas ou movido pelas circunstâncias, forçado a continuar exercendo suas funções por questões diversas, que não lhes permitem as condições necessárias para um tratamento efetivo e satisfatório de suas mazelas.

Assim, entendemos que não se pode educar enquanto a sociedade como um todo não entender que o educador (professor), tem sua importância no decorrer da história. Portanto, importa que ele seja respeitado no exercício de suas funções, livre de violências, estresses e sentimentos negativos, que certamente tem sua parcela no processo do aumento da demanda alarmante do adoecimento precoce dos professores, em plena atividade profissional.

Portanto, a presente pesquisa constatou um aumento na ocorrência do adoecimento físico e psíquico dos professores de uma escola pública, na cidade de João Pessoa, decorrentes de vários fatores como a: a violência vivenciada na escola, como também as péssimas condições de trabalho, desvalorização salarial e profissional, péssima qualidade de vida e as complexas demandas dentro e fora da escola que aumentam a responsabilidade desse profissional no ambiente de trabalho como também em seu ambiente doméstico.

A educação tem sido um dos setores de maior empregabilidade no mercado brasileiro, contudo a docência, no nível fundamental e médio, representa um trabalho árduo, pouco reconhecido, mal remunerado e com profissionais desmotivados. O cenário atual das políticas educacionais tem gerado insatisfação constante na classe docente em função da difícil correlação com a realidade em sala de aula (SOUZA, FERREIRA, DUARTE, SOARES)

O adoecimento dos professores é comum tanto no ensino fundamental como no ensino médio, porém, estão relacionados à organização do trabalho, a não valorização do professor no ambiente de trabalho, alunos que apresentam comportamentos fora do comum pra sua idade, ausência da familiar entre outros.



4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma gritante necessidade de intervenção na qualidade de vida e de trabalho dos docentes, para que haja um aumento no nível dessa qualidade e, com isso contribua com o desenvolvimento do processo educacional em geral.

O grande número de atestados médicos na área da educação, muitas vezes é compreendido como preguiça ou dissimulação do professor. De fato, o excesso de afastamentos dos professores necessita ser visto como uma forma de expressão, descrevendo uma realidade institucional (GOULART et al, 2003; REIS, 2009; CRUZ e LEMOS, 2005 e MENDES, 2010).

A realidade atual das escolas públicas no Brasil, as vezes

[...] favorece a passividade, o silêncio e o mutismo do professor. A sensação de que “nada pode ser feito” de que “nada nunca muda” desmotiva a equipe a discutir seus problemas, diminui os vínculos, a colaboração e faz crescer um sentimento de insatisfação e falta de identidade, afetando drasticamente os resultados, a produtividade e o desempenho do funcionário. [...] (FREITAS e CASTRO, p.10)

Nesse contexto é importante criar novas políticas e programas de promoção da saúde do professor, como também a valorização desses profissionais, para que diminuam os fatores de risco à sua saúde mental e física. A saúde do professor precisa ser avaliada por uma perspectiva das condições nas quais esse profissional desempenha a sua função.

É importante lembrar que essa realidade de adoecimento dos professores não só acarretam problemas para os mesmos como, ao mesmo tempo, para os alunos. Visto que, quando o professor adoece e entra de licença médica, ocorre uma deficiência na substituição desse profissional, o que leva algumas vezes, à paralização das atividades em sala de aula e esse feito acarreta vários problemas no aprendizado dos alunos e na motivação dos mesmos em dar continuidade aos estudos. [...] É evidente a necessidade de um programa de qualidade de vida no trabalho através de ações que possam contribuir para implantação de segurança, saúde e melhoria do clima organizacional, incluindo as relações de trabalho e suas consequências na saúde das pessoas e da instituição. [...] (ARAÚJO E SOUZA, p. 08, 2013). Não há mais espaço e nem tempo para negligenciar esta realidade, recusando investir (econômica, social e comportamental) em projetos que podem garantir a saúde (e com qualidade) no trabalho” (ARAÚJO E SOUZA, p.08, 2013).

Esta temática é extremamente relevante e séria, e necessita de planejamento adequado e vontade política para mudar os rumos da realidade educacional das escolas públicas e de seus professores, adoecidos pelas péssimas condições de trabalho.

Enfim, constatamos que a relação entre as condições de trabalho e o adoecimento psíquico de professores, é uma relação direta e extremamente estreita. Pois, os índices de transtornos emocionais cresce imensamente entre a categoria dos professores.

5- REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lílian Maria Badaró Ferreira; SOUSA, Rosânia Rodrigues de. **O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL: PERSPECTIVA DOS DOCENTES**. XXXVI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro. 2013.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. **Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura**. Est. Inter. Psicol. vol.7 n. 2 Londrina dez. 2016.

GASPARINO, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. **As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical**. Saúde Debate: Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, OUT-DEZ 2016.

SOUZA, Carlos Vinícius Carvalho de; FERREIRA, Dayanne Borges; DUARTE, Guilherme José; SOARES, Viviane Oliveira. **ADOECIMENTO MENTAL DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL**. Disponível em: <
<http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2013-05/adoecimento-mental-de-professores-do-ensino-medio-e-fundamental.pdf>>. Acesso em: 05 de set 2017.